

O Cultivo dos Jardins de Rosas e o Paraíso Celestial: uma breve história da iconografia do Rosário da Virgem Maria

Luciana Braga Giovannini¹

 0000-0002-3440-1799

Como citar:

In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 18, 2024. **Atas do XVIII Encontro de História da Arte.** Campinas: IFCH/UNICAMP, n. 18, 2024.

DOI:10.20396/eha.18.2024.11820

Resumo

O artigo tem como objetivo compartilhar os primeiros resultados da pesquisa de pós-doutorado, na qual investigamos a iconografia do Rosário de Nossa Senhora e sua relação com as comunidades africanas da Capitania de Minas Gerais durante o período colonial. No momento, estamos pesquisando as origens da devoção e suas representações, bem como a criação das Confrarias de Nossa Senhora do Rosário e sua disseminação pela Europa e os territórios conquistados. No contexto da escravidão, as confrarias dos homens pretos constituíram importantes espaços de resistência e expressão da diversidade cultural e religiosa das comunidades negras, sendo o rosário um símbolo de liberdade e vitória.

Palavras-chave: Arte colonial. Catequese. Devoção. Iconografia. Nossa Senhora do Rosário.

¹ Pós-doutoranda em História da Arte pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), sob a supervisão da Profa. Dra. Angela Brandão. O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Brasil. Processo nº 2023/11494-6.

Introdução

Este artigo tem o objetivo de compartilhar os primeiros resultados obtidos com a pesquisa de pós-doutorado intitulada *Os Cordões de Rosas da Virgem Maria: Nossa Senhora do Rosário e as comunidades africanas da Capitania de Minas Gerais*. Com o intuito de compreender como as Irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, instituídas em Minas Gerais no período colonial, se apropriaram da iconografia do rosário de tradição europeia que circularam pela região – interpretando-as e adaptando-as à decoração dos templos erguidos em sua homenagem –, apresentaremos uma brevíssima história da iconografia do Rosário da Virgem Maria. Neste momento, pretendemos refletir sobre o sentido original do Rosário, e pensar sobre sua permanência na passagem do tempo, as inflexões por que passou, as camadas de significados que lhe foram acrescentadas e as formas pelas quais pode ter sido reinterpretado pelas comunidades africanas inseridas na experiência da escravidão.

O Rosário da Virgem Maria é uma das devoções mais antigas e completas do cristianismo, pois contempla todo o ciclo de vida de Jesus e Maria. Sua história se entrelaça com a própria história do cristianismo e é constituída por camadas sobrepostas de acontecimentos e significados, que são interpretados e reinterpretados no tempo e no espaço. Assim, para investigar a iconografia do Rosário da Virgem Maria, adotamos a abordagem proposta por Henri Focillon. O autor considera que um intervalo de tempo histórico é composto por uma multiplicidade de camadas superpostas e a análise estratigráfica nos conduz a identificar, no período selecionado, os vestígios de um passado relativamente distante². Para mais, no campo da religiosidade, a História sempre acrescenta novos significados aos símbolos, mas não altera plenamente sua estrutura, o que permite a permanência de seu sentido primordial.³

O Rosário da Virgem Maria

Começemos pela palavra! Rosário vem do latim *Rosarium*, que significa “Jardim de Rosas”⁴. Na Europa medieval, até o século XII, a palavra representava um Jardim Trancado onde se cultivavam rosas.

² FOCILLON, Henri. *O Ano Mil*. São Paulo: Unesp, 2024, 7-8.

³ ELÍADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2020, p. 115-116.

⁴ LOGEION. Rosarium. Disponível em: <https://logeion.uchicago.edu/rosarium>. Acesso em: 20 janeiro 2025. ONLINE ETYMOLOGY DICTIONARY. Rosary. Disponível em: <https://www.etymonline.com/search?q=rosary&type=0> Acesso em: 20 janeiro 2025.

No final do século XII, o vocábulo surgiu para definir a pequena coroa de contas que os monges e os leigos cristãos carregavam nas mãos para contar suas orações e realizar suas meditações. No século XIII, o monge dominicano Tomás de Cintempre concedeu reconhecimento oficial a esse título e, com o passar do tempo, as rosas, símbolo da Virgem Maria e do menino Jesus, cujas virtudes são invocadas e contempladas durante as orações e meditações do Rosário, foram associadas às contas de oração e ficaram conhecidas como coroas de rosas.⁵

Possivelmente, as fontes literárias para as representações desses jardins estão no Antigo Testamento: o *Livro de Gênesis* e o *Cântico dos Cânticos*⁶. O *Capítulo 2* do *Livro de Gênesis* intitulado *A Experiência da Liberdade. O Paraíso*⁷, narra a criação do ser humano e do Jardim do Éden, que deveria ser cultivado e guardado pelo homem⁸. Conforme os comentaristas da Bíblia de Jerusalém, na versão grega, o nome jardim é traduzido por Paraíso⁹. Foi no Jardim do Éden que Deus criou os primeiros seres humanos: Adão e Eva. Foi neste jardim que o casal cometeu a primeira transgressão da humanidade – o pecado original.¹⁰

Na perspectiva cristã, o “Jardim Trancado” simboliza o grande “Mistério da Encarnação”, que corresponde ao retorno dos homens ao Paraíso. Neste universo, a Virgem e o Menino são o grande tesouro – a fonte de água viva –, os responsáveis pela reconciliação da criatura com o Criador. Observe-se a *Anunciação* produzida por Fra Angélico por volta de 1426. O artista representou claramente esse Mistério: o ato Sagrado da Encarnação [Figura 1]. Enquanto Adão e Eva estão sendo expulsos do Jardim do Paraíso, a mão de Deus envia a pomba do Espírito Santo para consumir a encarnação de Cristo, que será concebido por uma Virgem, interligando os dois episódios: a queda e a razão da existência de Cristo. Na verdade, a pintura reproduz um postulado teológico: Adão e Eva como os precursores de Maria e Cristo, o homem e a mulher que causam a queda da graça, e Maria e Cristo que tornam a Salvação possível.¹¹

⁵ VAIL, Anne. *A História do Rosário*. São Paulo: Loyola, 1998, p. 13-14. GORJÃO, Sérgio. *O Rosário: instrumento de espiritualidade no mundo e no catolicismo*. Óbidos: Museu Paroquial de Óbidos, 2004, p. 16.

⁶ BÍBLIA. *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulinas, 1985.

⁷ Ibidem (Gênesis 2, 4-25).

⁸ VAIL, 1998, p. 13-22

⁹ BÍBLIA, 1985, nota v, p. 33. **ONLINE ETYMOLOGY DICTIONARY**. Paradise. Disponível em: https://www.etymonline.com/pt/word/paradise#etymonline_v_7168 Acesso em: 20 janeiro 2025. A palavra grega era usada por Xenofonte e outros para se referir a “um pomar ou parque de caça real na Pérsia”. Contudo, foi adotada na *Septuaginta* (tradução do Antigo Testamento da Bíblia para o grego, conhecida também como a “Bíblia grega dos Setenta”) para significar “o Jardim do Éden”, confirmando a informação dada pelos estudiosos da Bíblia.

¹⁰ VAIL, 1998, p.15.

¹¹ FRANCO JÚNIOR, Hilário. AVE EVA! Inversão e complementaridade de um mito medieval. *Revista USP*. São Paulo (31): 52-67, setembro/novembro 1996.



Figura 1:
Fra Angélico. *Anunciação*, c.
1426. Têmpera sobre madeira.
Dimensão: 194 x 194 cm.
Museu do Prado, Madri.

Nos jardins imaginários, pintados por artistas europeus do final da Idade Média, desabrocham flores e frutos diversos: violetas, lírios dos vales e íris, rosas e margaridas; romãs, maçãs e morangos. Cerejeiras e videiras repletas de frutos exalam os mais variados e doces aromas. Canteiros de bálsamos e perfumes de ervas aromáticas, como nardo e açafrão, canela e cinamomo, mirra e aloés. Cravos e rosas vermelhos lembram o sacrifício do menino Deus. Coroas e grinaldas de rosas são tecidas como símbolos do recinto fechado (o Jardim Trancado) e da alegria celestial (o Paraíso). Panos de honra são delicadamente bordados com motivos vegetais e florais.

É provável que a fonte literária para as representações de Maria como o Jardim Trancado seja o *Cântico dos Cânticos*¹². Trata-se de uma obra que canta o amor mútuo entre os esposos (Salomão e Sulamita) como uma representação da união com o Deus de Amor. No *Antigo Testamento*, a coleção de poemas está inserida entre os *Livros Sapienciais*, livros que abordam o tema da Sabedoria e ensinam a bondade e a dignidade do Amor¹³. Para os teólogos do cristianismo, Maria é associada à Amada do *Cânticos dos Cânticos* e o Jardim Trancado simboliza a Maternidade Virginal da Mãe de Deus e o Paraíso celestial, que será recuperado com o nascimento de Cristo e a reparação do pecado original.

¹² BÍBLIA, 1985 (Cânticos dos Cânticos: 4, 12-15). VAIL, 1998, p.15-18.

¹³ BÍBLIA, 1985, p. 1182-1184.

Na iconografia cristã, o *Jardim fechado* transformou-se em um espaço feminino, associado à Virgem Maria e ao menino Jesus, um ambiente primaveril e renascente. À medida que o culto mariano se desenvolveu, a Mãe de Deus não apenas assumiu o centro desse jardim, como se transformou no próprio Jardim do Paraíso e na Fonte da Vida. Afinal, é Maria quem dará à luz ao Redentor, o fruto bendito. Assim, a Virgem passou a ser descrita e representada como *hortus conclusus*, símbolo da pureza e perfeição. Observe-se a ilustração da ladainha mariana intitulada *Mater Castíssima* [Figura 2]. Klauber reproduziu a Virgem e o Menino como a Árvore da Vida, com suas flores e frutos simbolizando a graça divina, situados bem no centro e à frente do Jardim Trancado, ao lado do poço de água viva. A inscrição em latim *O quam pulchra est casta generatio* (Oh, quão bela é a geração casta), adaptada do *Livro da Sabedoria*¹⁴ é o elogio à castidade: à virgindade da Mãe de Deus e à pureza de uma geração redimida.



Figura 2:

Klauber. *Mater Castissima*. Devoções marianas em estampas, séc. XVII-XVIII. *Klauber Cath. Sc. et exc. A.V.* (*Klauber Catholici sculpsit et exciderunt Augustae Vindelicorum*), Augsburg, Alemanha. Fonte: acervo Eduardo Pires de Oliveira.

¹⁴ BÍBLIA, 1985 (Sabedoria 4,1), nota “m”, p. 1208.

Nos séculos XI e XII, coletâneas de orações em honra à Virgem Maria foram escritas sob o título de *Jardim de Rosas*. Estes textos orientavam a vida dos monges, que associavam a prática da jardinagem e o trabalho do jardineiro à vida dos cristãos: cultivar jardins de flores tornou-se uma forma de oração e meditação sobre a vida de Jesus e Maria. As colheitas desses jardins representavam a reconquista do Paraíso e da Liberdade. Foram os monges ascetas do deserto os primeiros a compreenderem a importância simbólica de um jardim, estabelecendo um paralelo entre o seu cultivo e a vida de oração. Nesta perspectiva, a doutrina cristã é bem clara: a oração e o sacrifício sempre precedem a salvação¹⁵. Na História da Arte, há muitas representações de Cristo como jardineiro. Contudo, o afresco *Noli me tangere*, pintado no Convento de São Marcos, em Florença, por Fra Angélico, é especialmente emblemático, pois foi concebido com o propósito de estimular a meditação dos monges que viviam no mosteiro [Figura 3]. O pintor representou Cristo ressurreto no interior de um Jardim Trancado, cercado por uma treliça de bambu e repleto de árvores e flores. Cristo segura uma pá na mão, simbolizando a conclusão de seu trabalho: a remissão do pecado original e a sua *Ascensão* aos céus.



Figura 3:
Fra Angélico. *Noli me tangere*, 1439-1443.
Pintura afresco.
Convento de São Marcos, Florença.

¹⁵ VAIL, 1998, p.18-22.

O culto à Nossa Senhora do Rosário

No século XIII surgiu a Ordem dos Dominicanos, fundada por São Domingos de Gusmão em 1216. O pregador dominicano escolheu como padroeira de sua ordem a Santíssima Virgem Maria – invocada como a Virgem da Misericórdia¹⁶ – e sua principal vocação era a oração e a pregação do Evangelho pela salvação dos homens. O próprio Domingos combateu o movimento dos albigenses na Batalha de Muret, no Sul da França, em 1213, convertendo os hereges ao cristianismo. Naquela ocasião, a principal missão da ordem religiosa foi o combate às heresias e a conversão dos infiéis¹⁷. Contudo, não foi o fundador da Ordem dos Dominicanos quem criou a devoção ao Rosário da Virgem Maria.

O título Nossa Senhora do Rosário e as Confrarias do Rosário foram estabelecidos na Europa no contexto dos conflitos religiosos que antecederam os movimentos da Reforma Protestante e da Contrarreforma. Ainda em 1460, a Ordem dos Dominicanos se apropriou da prática religiosa de recitar o Rosário, como parte de seus esforços para combater heresias e converter populações não cristãs ao cristianismo. O objeto devocional se transformou em símbolo de adesão à Igreja Católica. Em 1470, Alano da Rocha criou a Confraria da Santa Virgem e São Domingos, e instituiu oficialmente o culto a Nossa Senhora do Rosário¹⁸. Com base em suas revelações, o teólogo bretão atribuiu a criação da devoção ao Rosário de Nossa Senhora ao fundador da Ordem dos Pregadores, que teria recebido da Mãe de Deus um poderoso instrumento de oração e conversão enquanto pregava aos albigenses.¹⁹

Repare-se o frontispício do livro *Milagres e Benefícios do Santíssimo Rosário* [Figura 4]: a gravura impressa apresenta São Domingos de Gusmão e o teólogo dominicano Alano da Rocha. O criador lendário e o criador histórico da devoção foram representados como jardineiros, cultivando e irrigando a árvore da vida, cujos galhos estão enlaçados por um colar de contas. A copa está envolvida por quinze reproduções dos Mistérios do Rosário. O tronco ocupa o espaço central da gravura e, ao fundo, podemos observar uma multidão de pessoas representadas: à direita, os devotos ajoelhados e em prece; à

¹⁶ VARAZZE, Jacopo de. **Legenda Áurea**: Vida de Santos. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 614-631.

¹⁷ FRANCO JUNIOR, Hilário. Apresentação. In: VARAZZE, Jacopo de. **Legenda Áurea**: Vida de Santos. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 13.

¹⁸ MALGOUYRES, 2017, p. 38.

¹⁹ Esta revelação de Alano da Rocha não foi contestada pela Igreja e tornou-se uma tradição, amparada na iconografia da Virgem e o Menino entregando o Rosário para os membros da ordem dos dominicanos, São Domingos de Gusmão e Santa Catarina de Siena, tornando-se a representação canônica da Virgem do Rosário na Europa.

esquerda, os pecadores, entre as labaredas, estendendo a mão para alcançar os terços ofertados pelos anjos em voo, numa clara associação com a salvação da alma²⁰. Conforme Malgouyres:

A consoladora possibilidade de agir para além da morte e de **socorrer as almas do Purgatório** é fortemente expressa por uma iconografia particular de Nossa Senhora do Rosário, bastante difundida, que representa a **Virgem e os santos estendendo rosários às almas infortunadas, que os agarram e, por meio deles, se elevam ao Céu**. O Juízo Final de Michelangelo, na Capela Sistina, também contém essa imagem [tradução e grifo nosso]²¹.

Em 1475, James Sprenger (c. 1435-1495), prior dos dominicanos de Colônia, na Alemanha²², criou a primeira Confraria do Rosário, como uma “ação de graças pela libertação da cidade de Neuss, que estava sitiada por Carlos, o Temerário”²³. Detenha-se no acontecimento! A criação da Confraria esteve mergulhada no símbolo da Vitória de uma batalha militar. Então, com o passar do tempo, a poética visual dos jardins floridos e aromáticos, representados no final da Idade Média e início da Idade Moderna, passou por transformações, e a iconografia do Rosário da Virgem Maria adquiriu um caráter belicoso, incorporando ao seu significado original a ideia de combate e vitória.²⁴

A famosa Batalha de Lepanto, que ocorreu aproximadamente 100 anos após a fundação da primeira confraria, é um dos eventos históricos chave para a história do Rosário, o marco da vitória da cristandade sobre os turcos [Figura 5]. Observe-se a gravura impressa por volta de 1610. No primeiro plano, o artista reproduziu o momento anterior ao conflito, o cortejo realizado em homenagem à Virgem Maria, cuja imagem aparece em dois formatos: inscrita no estandarte da confraria e em forma de escultura, colocada sobre um andor, coberta de rosas, com Jesus no colo e o terço na mão direita. No plano de fundo, o artista representou o combate naval e a aparição de Nossa Senhora entre as nuvens do céu, personificando o milagre: o triunfo contra os inimigos da Igreja: os povos não cristãos.

²⁰ Segundo Malgouyres, todo rosário pode servir para o alívio das almas do Purgatório, mas um terço foi concebido especificamente para esse fim, chama-se Nossa Senhora do Sufrágio, conhecido também como terço dos mortos. Veja-se: MALGOUYRES, 2017, p. 54.

²¹ MALGOUYRES, 2017, p. 54. [Tradução nossa]. Na Capela Sistina, Michelangelo pintou a figura de um homem negro sendo resgatado por um anjo com a ajuda de um rosário.

²² Coautor de *Malleus Maleficarum* (o Martelo das Feiticeiras): o manual oficial da Inquisição para a caça às bruxas, que levou à tortura e à morte mais de 100 mil mulheres.

²³ MALGOUYRES, 2017, p. 38-39 [Tradução nossa].

²⁴ O caráter belicoso da devoção está presente em diversas batalhas que creditam suas vitórias à devoção ao Rosário de Nossa Senhora: a Batalha de Muret (1213), A Batalha de Neuss (1475), a Batalha de Lepanto (1571), o cerco de Rochelle (1628), o cerco de Viena (1529), Peterwiden (1716-1718), o Cerco de Corfu (1716) e a Guerra da Vendéia (1793-1796). Nem mesmo os comunistas escaparam! Segundo a lenda, quando a Virgem apareceu em Fátima, em 1917, teria convocado os fiéis a recitarem o rosário pela conversão da Rússia. Sobre o assunto, veja-se: MALGOUYRES, 2017, p. 40-43. VAIL, 1998, p. 73-98.

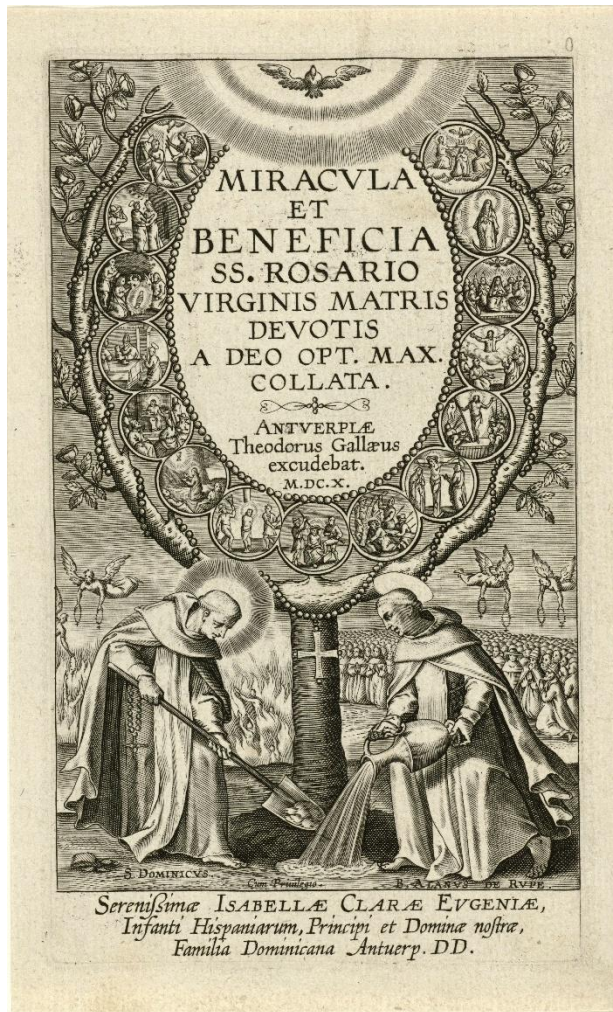


Figura 4:
Theodoor Galle. *Impressão do título de Miracula et Beneficia SS. Rosario*, 1610.
Fonte: Rijksmuseum.



Figura 5:
Theodoor Galle. *Milagre da Batalha de Lepanto*, 1610.
Ilustração da série Quinze milagres do rosário.
Fonte: Rijksmuseum.

Convocada pelo papa dominicano Pio V, o sucesso desta batalha sagrada foi creditado à Virgem do Rosário e o culto foi definitivamente legitimado pela Igreja, com a instituição da Festa de Nossa Senhora da Vitória e a posterior instituição da Festa de Nossa Senhora do Rosário.²⁵

Foi nesse momento que a forma do rosário se tornou absolutamente rígida: Pio V, em 1569, estabeleceu a lista dos quinze mistérios ainda em uso hoje, regularizando uma prática amplamente difundida que admitia muitas variações. Ao mesmo tempo, ele fixou a forma da Ave Maria, com sua segunda parte ("Santa Maria, mãe de Deus..."). [tradução e grifo nosso].²⁶

²⁵ MALGOUYRES, 2017, p. 40-41. GORJÃO, 2004, p. 17-18.

²⁶ MALGOUYRES, 2017, p. 40-41.

O evento contribuiu profundamente para a difusão do culto e a criação das confrarias do Rosário pela Europa e seus domínios. De acordo com Lahon, “a devoção ao rosário que se destina, em primeiro lugar, a evangelização das populações europeias ainda pagãs, vai ser implantada em África, na Ásia e no Novo Mundo luso-hispânico, numa perspectiva tanto missionária que messiânica”²⁷. Graças à ação propagandista da Ordem dos Dominicanos que patrocinou as Confrarias do Rosário, a devoção se espalhou por toda a Europa e, ao chegar à Península Ibérica, foi acolhida por diversos grupos. A primeira Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos foi instituída no Mosteiro de São Domingos, em Lisboa, provavelmente no final do século XV, e o convento dominicano ficou famoso pelos milagres atribuídos à sua imagem.²⁸

As confrarias do Rosário também foram criadas nos domínios portugueses, como na Ilha de São Tomé e Príncipe, na Ilha de Santiago de Cabo Verde e no Mosteiro dominicano de Goa, na Índia²⁹. No continente africano, essas associações estiveram principalmente vinculadas à ação evangelizadora e missionária da Companhia de Jesus, localizadas na cidade de São Paulo de Assunção de Luanda e imediações³⁰. Conforme Lucilene Reginaldo, no contexto de Luanda, a devoção ao Rosário estava relacionada aos africanos e afrodescendentes inseridos na experiência da escravidão, marcada pela relação entre conversão e cativo³¹. Assim, embora a devoção à Senhora do Rosário tenha sido originalmente praticada por populações brancas, no decorrer dos séculos, ela se transformou na grande protetora dos negros. Carregar o colar nas mãos, colocá-lo no peito e recitar as preces tornou-se uma arma poderosa contra as adversidades da vida e da morte, um objeto simbólico de credulidade e proteção.³²

²⁷ LAHON, Didier. Da Redução da Alteridade a Consagração da Diferença: as irmandades negras em Portugal (séculos XVI-XVIII). *Projeto História*, São Paulo, n. 44, pp. 53-83, jun. 2012, p. 39.

²⁸ REGINALDO, Lucilene. *Os rosários dos angolas: irmandades negras, experiências escravas e identidades africanas na Bahia setecentista*. 2005. Tese (Doutorado em História). IFCH, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas, 2005, p. 47-48. Sobre os conflitos entre os homens brancos e pretos no Mosteiro de São Domingos de Lisboa, veja-se LAHON, 2012, p. 60-67.

²⁹ FONSECA, Jorge. *Religião e Liberdade: os negros nas irmandades e confrarias portuguesas (séculos XV a XIX)*. Famalicão: Edições Húmus, 2016, p. 69-71.

³⁰ REGINALDO, 2005, p. 35.

³¹ REGINALDO, Lucilene. *Os Rosários dos Angolas: irmandades de africanos e crioulos na Bahia Setecentista*. São Paulo: Alameda, 2011, p. 63.

³² BORGES, Célia Aparecida Resende Maia. *Escravos e libertos nas Irmandades do Rosário: devoção e solidariedade em Minas Gerais: séculos XVIII e XIX*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005, p. 135. DELFINO, Leonara Lacerda. Senhora das Conquistas e das Missões: Origens da Devoção da Virgem do Rosário como Santa Mãe Protetora dos Pretos no Ultramar. *Revista ARS Histórica*, nº6, ago./dez. 2013, p. 107-127, p. 119.

Na América Portuguesa, a Companhia de Jesus foi a principal responsável pela instituição das confrarias do Rosário entre os escravos do engenho, com a finalidade de evangelizar negros e índios, atuando como os principais promotores do culto a Nossa Senhora do Rosário³³. Não sabemos como a devoção chegou à Capitania de Minas Gerais, mas temos o conhecimento de que foram principalmente as irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos que se responsabilizaram pela instrução religiosa dos africanos e afrodescendentes. Neste contexto, as confrarias se disseminaram pela região mineradora, agregando em seus templos as principais devoções do catolicismo afro-brasileiro.³⁴

Apropriações e interpretações

No ambiente cultural e religioso da Capitania mineira, um dos tipos iconográficos difundidos foi a representação da Virgem entregando o objeto devocional para São Domingos de Gusmão [Figura 6]. No entanto, há uma estampa, conservada na Coleção de Registros de Santos da Biblioteca Nacional de Portugal, na qual São Domingos é substituído por um santo do catolicismo negro: São Benedito [Figura 7]. Em Ouro Preto, a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos interpretou e adaptou essa iconografia ao reproduzir no teto do nártex da sua Igreja um anjo entregando o rosário ao santo franciscano [Figura 8]. A expressão em latim *IN HOC SIGNO VINCES* (Com esse signo vencerás) confirma a permanência do objeto devocional como um sinal do cristão converso e como símbolo de vitória entre os devotos pretos do rosário, que estiveram envolvidos na experiência da escravidão.³⁵

Na história das imagens, há uma representação específica que se tornou canônica na Europa: a imagem da Virgem com o Menino entregando o rosário para São Domingos de Gusmão e Santa Catarina de Siena, ambos representantes da Ordem dos Dominicanos, acompanhada ou não dos Mistérios do Rosário: as narrativas visuais que celebram as principais virtudes de Jesus e Maria, reproduzindo episódios da Vida, Paixão e Glória do Redentor e da Corredentora. A representação da Virgem e o Menino entregando o Rosário para o fundador da Ordem dos Dominicanos e o cânone

³³ PACHECO, Paulo Henrique Silva. A origem branca da devoção negra do Rosário. *Revista Tempo de Conquista: História Medieval e Moderna*, 2008, p. 9-10. BOSCHI, Caio César. Irmandades, religiosidade e sociabilidade. In: RESENDE, Maria Efigênia Lage de.; VILLALTA, Luiz Carlos (Org.). *História de Minas Gerais: as Minas Setecentistas*. Belo Horizonte: Autêntica; Companhia do Tempo, 2007, pp. 59-75, p. 278.

³⁴ Para este estudo, adotamos a terminologia cunhada por Marina de Mello e Souza: “catolicismo afro-brasileiro” ou “catolicismo negro no Brasil”. Veja-se: SOUZA, 2002.

³⁵ Sobre a expressão e a vitória da Batalha da Ponte Mílvia em 312 por Constantino, o Grande, veja-se EUSÉBIO DE CESAREIA. *A Vida de Constantino*. Trad. espanhola por José Montserrat Torrents. Madrid: Gredos, 1997.

iconográfico da Virgem do Rosário também foram amplamente difundidos por meio dos Registros de Santos [Figura 9]. Grande parte dessas estampas apresenta a Virgem e o Menino entregando o rosário para São Domingos de Gusmão e Santa Catarina de Siena, mas a circulação pelos territórios conquistados desencadeou uma série de apropriações e reinterpretções.



Figura 6:
Autor desconhecido. *Nossa Senhora do Rosário*, séc. XVIII. Registro de Santo. Biblioteca Nacional de Portugal (BNP). Fotografia da autora.



Figura 7:
Autor desconhecido. *Nossa Senhora do Rosário e São Benedito*, s/data. Registro de Santo. Biblioteca Nacional de Portugal (BNP). Fotografia da autora.



Figura 8:
Autor desconhecido. *São Benedito*,
séc. XVIII-XIX. Pintura de ferro do nártex.
Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos
Homens Pretos. Ouro Preto, Minas Gerais.
Fotografia da autora.



Figura 9:
Autores desconhecidos. *Nossa Senhora do Rosário*,
séc. XVIII-XIX. Registros de Santos.
Biblioteca Nacional de Portugal (BNP).
Fotografia da autora.

Na região mineradora e diamantífera, a maioria das congregações formadas pelas comunidades africanas construiu templos próprios, que se tornaram uma espécie de território demarcado, ainda que esses espaços fossem mistos e compartilhados com pessoas de todas as “qualidades e condições”³⁶. Nesses ambientes plurais, os irmãos pretos do Rosário costumavam assumir os principais cargos da mesa administrativa e se responsabilizavam pela promoção do culto. Eles organizavam os ofícios litúrgicos e

³⁶ Os estudos demonstram que as Confrarias de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos costumavam admitir em seus templos irmãos pretos, brancos e pardos; homens e mulheres, escravizados e forros.

as festividades de Nossa Senhora do Rosário, contratavam párocos para as celebrações religiosas, além de cuidarem da ornamentação e da composição das pinturas, esculturas e objetos devocionais. Assim, perguntamo-nos se a iconografia dos santos do catolicismo negro no Brasil, ao sugerir um modelo de comportamento e uma possível representatividade, pode indicar uma forma de resistência ao domínio colonial por meio das imagens, além de expressar a diversidade cultural e religiosa dos membros das irmandades.

Existem diversos indícios de resistência por meio das imagens que ainda estão sendo investigados. No entanto, há duas pinturas de teto em Minas Gerais que se destacam pela apropriação e reinterpretação do cânone iconográfico da Virgem do Rosário, manifestando a expressão da diversidade religiosa e cultural dos povos africanos e afrodescendentes. Na pintura de forro da capela-mor da igreja do Rosário de Itapanhoacanga, um arraial pertencente ao distrito de Alvorada de Minas, a mesa administrativa se apropriou da tradicional iconografia do Rosário e substituiu os santos dominicanos por São Elesbão e Santa Efigênia [Figura 10]. Na pintura de forro da capela-mor da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Itabira, o artista representou a Virgem Maria entregando o rosário à Santa Efigênia e o menino Jesus oferecendo uma guirlanda de rosas a São Benedito. Os integrantes das confrarias possivelmente eram devotos e se identificavam com a história de vida dos santos pretos. Essas devoções não compreendiam apenas um modelo de virtude, mas de Vitória: o retrato de pessoas santas que estiveram submetidas ao cativeiro e às perseguições, mas superaram essas condições adversas.

Para responder à pergunta anteriormente discutida, recorreremos a Didi-Huberman. Segundo o autor, quando as pessoas não têm a possibilidade de organizar um motim [ou optam por não realizá-lo] a imagem não é apenas uma representação, mas um “ato clandestino” de insurgência contra o domínio colonial.³⁷ Trata-se de uma resistência pacífica – não violenta –, uma estratégia criativa realizada no interior da própria instituição social: a irmandade religiosa.³⁸

Considerações finais

Nesses ambientes, é bem possível que tenha existido também uma apropriação do discurso cristão. Enquanto diversos pregadores propagavam a conquista da Liberdade e o retorno ao Paraíso pela conversão ao cristianismo, no plano espiritual e após a morte, os irmãos e irmãs pretos e pretas do Rosário instituíram suas confrarias e se organizaram para conquistar a liberdade terrena, ocupando os principais

³⁷ Palestra de Georges Didi-Huberman durante a exposição *Levantes* realizada em São Paulo em 2017.

³⁸ SANTOS, Ynaê Lopes dos. *História da África e do Brasil Afrodescendente*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, p.210.

cargos administrativos e comprando as cartas de alforria para libertar os confrades escravizados, sempre em nome da Virgem do Rosário. Com certeza, não seremos capazes de saber exatamente como os povos africanos assimilavam o discurso cristão proferido nos púlpitos de suas capelas e propagado pelas imagens. O entendimento, provavelmente, se dava a partir de seus referenciais culturais. Contudo, é possível que o Paraíso mítico narrado no *Livro de Gênesis* tenha representado uma mensagem de esperança: não a imagem de um “Paraíso perdido”, mas a promessa de um futuro para o qual se deve caminhar em busca da liberdade.

Para concluir, considerando as apropriações e reapropriações iconográficas no curso da história, percebemos que, mesmo com as camadas de significados adquiridas na passagem do tempo e suas respectivas modulações, os significados simbólicos originais da devoção permaneceram: os princípios da Liberdade e da Vitória.



Figura 10:

Autor desconhecido. *Nossa Senhora do Rosário*, séc. XVIII-XIX. Pintura de forro da capela-mor. Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Itapanhoacanga, Minas Gerais. Fotografia da autora.

Referências bibliográficas

BÍBLIA. **A Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulinas, 1985.

BORGES, Célia Aparecida Resende Maia. **Escravos e libertos nas Irmandades do Rosário**: devoção e solidariedade em Minas Gerais: séculos XVIII e XIX. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Palestra de Georges Didi-Huberman abre em São Paulo a exposição *Levantes*. In: *Revista de Fotografia Zum*. N. 13. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2017. Disponível em: <https://revistazum.com.br/noticias/exposicao-levantes/>. Acesso em: 21 de jan. 2024.

ELÍADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2020.

EUSÉBIO DE CESAREIA. *A Vida de Constantino*. Trad. espanhola por José Montserrat Torrents. Madrid: Gredos, 1997.

DELFINO, Leonara Lacerda. Senhora das Conquistas e das Missões: Origens da Devoção da Virgem do Rosário como Santa Mãe Protetora dos Pretos no Ultramar. **Revista ARS Histórica**, nº6, ago./dez. 2013, p. 107-127.

FOCILLON, Henri. **O Ano Mil**. Traduzido por Jorge Coli. São Paulo: Unesp, 2024.

FONSECA, Jorge. **Religião e Liberdade**: os negros nas irmandades e confrarias portuguesas (séculos XV a XIX). Famalicão: Edições Húmus, 2016.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. AVE EVA! Inversão e complementaridade de um mito medieval. **Revista USP**. São Paulo (31): 52-67, setembro/novembro 1996.

FRANCO JUNIOR, Hilário. Apresentação. In: VARAZZE, Jacopo de. **Legenda Áurea**: Vida de Santos. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GORJÃO, Sérgio. **O Rosário: instrumento de espiritualidade no mundo e no catolicismo**. Óbidos: Museu Paroquial de Óbidos, 2004.

GOTTSCHALL, Anna. Prayer Bead Production and use in Medieval England. **Rosetta Journal**. Issue 4, 2008.

LAHON, Didier. Da Redução da Alteridade a Consagração da Diferença: as irmandades negras em Portugal (séculos XVI-XVIII). **Projeto História**, São Paulo, n. 44, pp. 53-83, jun. 2012

LOGEION. Rosarium. Disponível em: <https://logeion.uchicago.edu/rosarium>. Acesso em: 20 janeiro 2025.

MALGOUYRES, Philippe. **Au fil des perles, la prière comptée**. Paris: Somogy éditions d'art, 2017,

VAIL, Anne. **A História do Rosário**. São Paulo: Loyola, 1998.

ONLINE ETYMOLOGY DICTIONARY. Rosary. Disponível em: <https://www.etymonline.com/search?q=rosary&type=0> Acesso em: 20 janeiro 2025.

PACHECO, Paulo Henrique Silva. A origem branca da devoção negra do Rosário. **Revista Tempo de Conquista: História Medieval e Moderna**, 2008.

REGINALDO, Lucilene. **Os rosários dos angolas**: irmandades negras, experiências escravas e identidades africanas na Bahia setecentista. 2005. Tese (Doutorado em História). IFCH, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas, 2005

REGINALDO, Lucilene. **Os Rosários dos Angolas**: irmandades de africanos e crioulos na Bahia Setecentista. São Paulo: Alameda, 2011, p. 63.

SANTOS, Ynaê Lopes dos. **História da África e do Brasil Afrodescendente**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, p.210.

SOUZA, Marina de Mello e. Catolicismo negro no Brasil: santos e *minikisi*, uma reflexão sobre a miscigenação cultural. **Afro-Ásia**, 28 (2002).

VARAZZE, Jacopo de. **Legenda Áurea**: Vida de Santos. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.